



MARIA E SOPHIA — CONFIDÊNCIAS E DESABAFOS (2.ª ED.), DE ROSABELA AFONSO. EDITORIAL NOVEMBRO (2022)

[10.29073/naus.v4i2.866](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.866)

RECEÇÃO: 16 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 16 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Luísa Fresta, Angola/Portugal, lulotapt@yahoo.com.br.

Escolho *Maria e Sophia — Confidências e Desabafos* para tecer alguns brevíssimos comentários — apenas um olhar descomprometido de leitora —, embora já me tenha pronunciado informalmente sobre outros livros de Rosabela Afonso (*O Visionário* e *O Chá da Joaquina*, ambos com ilustrações originais e muito personalizadas, assim como *Os Tempos de Sophia*, uma obra biográfica cujas ilustrações, de Sara Afonso, me seduziram desde o primeiro traço).

Nesta obra, ficamos a conhecer a especial cumplicidade e amizade edificada entre Maria de Jesus Simões Barroso Soares e Sophia de Mello Breyner Andresen, ou simplesmente Maria e Sophia, duas mulheres que marcaram o nosso tempo, as artes e a luta pela democracia e pela liberdade em Portugal, no período pré Revolução dos Cravos.

Sem surpresa — mas nem por isso com menos encantamento — encontramos um texto solidamente estruturado, impregnado de doçura e de esperança. Rosabela Afonso é uma autora rigorosa, atenta ao pormenor: este trabalho é o resultado de uma pesquisa aturada entre depoimentos, documentários e obras biográficas. O texto tem por isso um cunho realista, no qual os espaços em branco da História são preenchidos com a imaginação, a intuição, a dedução e a criatividade, próprias dos autores de ficção.

A História oferece-nos fragmentos, circunstâncias, factos, datas e nomes, acontecimentos e momentos marcantes das sociedades e da dinâmica dos povos. No mais, nota-se neste texto o trabalho minucioso da autora. Fica bem patente todo o entendimento e solidária intimidade tecida entre estas duas mulheres extraordinárias, que as circunstâncias e convicções políticas e filosóficas aproximaram. Duas intelectuais, mulheres de reflexão e ação, mães de família, comprometidas com a liberdade e a luta antifascista; mulheres resistentes, engenhosas, cujos maridos conheceram a dor da prisão e foram perseguidos, pressionados, vigiados e encurralados das mais diversas formas. A estas mulheres não faltaram coragem, fé, constância, pois conheceram a solidariedade e o amparo dos amigos (mesmo que muitos, por medo ou por convicção, lhes virassem as costas) e conseguiram sempre visualizar um futuro melhor, de desenvolvimento — e com respeito pela pluralidade de opiniões, culturas e mentalidades, sem presos políticos. Terá sido esse estado de espírito que as animou até à chegada da *primavera*, à qual tantas vezes se alude nesta obra de Rosabela com gosto de liberdade.

Maria foi uma atriz empenhada e conceituada, professora, diretora escolar e ativista política, uma das fundadoras do Partido Socialista, em 1973, impedida por diversas vezes de exercer a sua atividade como docente, no ensino público e privado, e também como atriz, por motivos políticos, situação que só viria a desanuviar-se completamente com a revolução de abril. O seu marido, Mário Soares, que seria presidente de Portugal entre 1986 e 1996, conheceu a prisão e o exílio no período da ditadura, altura em que as responsabilidades familiares e profissionais da esposa se tornaram, consequentemente, ainda maiores, no contexto do casal assim como da família nuclear e alargada.

A amizade entre Maria e Sophia, exímia poeta, distinta contista, tradutora e autora de várias obras para crianças e jovens (que viria a ser prémio Camões em 1999), parecia inevitável. De idades aproximadas, ambas conheceram a angústia de ver os maridos encarcerados e de terem de assumir uma postura inabalável de coragem e resistência perante o resto da família, nomeadamente filhos menores e pais idosos. Sophia, de raízes aristocratas, teve muitas



vezes que enfrentar pessoas próximas por defender os valores da democracia, como é sublinhado na obra de Rosabela Afonso. Sophia era, na altura, casada com Francisco Sousa Tavares, jornalista, político e advogado.

Ambas são descritas neste texto teatral como o eixo das respetivas famílias, defensoras do património, da sobrevivência e da coesão familiar, símbolos de resistência. Mulheres corajosas, inteligentes, de convicções fortes, centradas na família, no trabalho, na defesa dos valores democráticos e no afeto; mas também na gestão das rotinas e até das situações imprevistas e dolorosas. Por outras palavras, seres humanos *comuns*, no melhor dos sentidos, com classe, forte temperamento, solidárias e astuciosas.

Há um apontamento curioso (extra livro) que permite estabelecer uma ligação ao poeta brasileiro Germano Xavier. Desde 2005 que estão colocados, no Oceanário de Lisboa, poemas de Sophia com uma forte relação com o mar: os visitantes são assim convidados a integrarem esses poemas na experiência sensorial que inclui a ideia da proximidade com o mar. Ora, reza a história que Germano teria ficado seduzido pelos textos e pela sua presença naquele local e por esse motivo dedicou a Sophia uma série de poemas, que seriam mais tarde inseridos no capítulo AS COISAS MINHAS DE SOPHIA (ou Poemas para o Grande Peixe: o Tempo), parte integrante do livro *ESPLANADA DO TEMPO/LA TERRASSE DU TEMPS*¹, editado escassos anos depois do centenário da autora, em 2019.

Voltando ao livro que nos une (como o mar de Sophia), antecipamos o prazer de vê-lo encenado como merece. O texto possui ritmo, coerência e alma, junta o verdadeiro com o verosímil, o provável, o plausível. É uma narrativa viva, credível, capaz de prender os futuros espetadores assim como cativa agora os leitores. Imaginamos cenários sóbrios e um figurino rigoroso de Maria e de Sophia. As pessoas transformaram-se em *personagens*, cuja amizade se perpetua na memória através da comunicação entre a História, as narrativas e olhares, entre a dramaturga, os atores (principalmente atrizes) e o público. O teatro é o abraço entre o palco e a plateia, assim como os livros aproximam os escritores dos leitores.

REFERÊNCIAS

Afonso, R. (2022). *Maria e Sophia — Confidências e Desabafos* (2.ª ed.). Editorial Novembro.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

¹ Livro de poesia bilingue editado no Brasil pela Penalux, em 2022 (com tradução para francês de Luísa Fresta). Este livro é parte da Trilogia do Centauro, cujo primeiro tomo é *O HOMEM ENCURREALADO/L'HOMME ACCULÉ*. Ambos os livros contêm textos de Luís Osete Carvalho, de Regina Correia e de Luísa Fresta.